

**MULHERES NA LITERATURA: UM DEBATE SOBRE O ESPAÇO DA MULHER NA
LITERATURA E SOCIEDADE A PARTIR DE POESIAS DE ADÉLIA PRADO**

*WOMEN IN LITERATURE: A DEBATE ABOUT THE SPACE OF WOMEN IN THE LITERATURE
AND SOCIETY FROM ADELIA PRADO POETRY*

Derliane de Oliveira Medeiros

Universidade do Estado de Minas Gerais

Luciano Dias Sousa

Universidade do Estado de Minas Gerais

Lucas Borcard Cancela

Universidade do Estado de Minas Gerais

Stefany Reis Marquioli

Universidade do Estado de Minas Gerais

RESUMO: A mulher, com a evolução da história, passou por transformações em várias instâncias, moral, afetiva, econômica e intelectual. Tais transformações foram importantes para definir a posição de um gênero até então muito discriminado na sociedade. Este estudo é uma análise do papel da mulher na literatura, tendo como ponto principal a reflexão sobre a evolução da mulher na história e na literatura, isto é, uma comparação da evolução da mulher na história e na literatura a partir de suas diferentes características sob a ótica da poetisa mineira Adélia Prado.

PALAVRAS-CHAVE: literatura; papel da mulher; feminismo; Adélia Prado.

ABSTRACT: Women, with the evolution of history, have undergone transformations in several instances as moral, affective, economic, and intellectual. Such transformations were important to set the position of a gender that was discriminated in society. This study is an analysis of the women role in literature, and has as main point the reflection about the women evolution in history and literature, in other words, it is a comparison of the women evolution in history and literature from their different characteristics under the perspective of the poet Adelia Prado.

KEYWORDS: literature; role of women; feminism; Adelia Prado.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

A evolução histórica tem demonstrado pequenas, mas significativas mudanças na vida da mulher. Do tripé dona-de-casa, esposa e mãe, a mulher passou a chefe de família, empresária, trabalhadora. Tudo isso, graças a constantes lutas da mulher pela igualdade de gêneros. Essa transição, da dependência para emancipação, pode ser percebida na literatura brasileira que, concatenada à História, mostra as etapas, os desafios e sacrifícios pelos quais a mulher passou para chegar à situação em que hoje se encontra, distante do ideal, entretanto mais emancipada e independente.

Sabemos que, por muitos séculos, a mulher foi excluída do grupo intelectual da sociedade por ser considerada, pelos constituintes desse grupo (homens), um ser não dotado de capacidade intelectual. Assim, considerando essa linha de pensamento, a

mulher só saberia cuidar das crianças e dos afazeres domésticos; na Literatura não foi diferente.

A presença da mulher na literatura começa muito antes de sua ascensão profissional e independência econômica, visto que os autores da época sempre exaltavam seus dotes carnis e suas feições de pureza. Esses aspectos, que apareciam nos livros, estavam estritamente ligados ao convívio das pessoas na sociedade da época, que colocava a mulher em uma posição restrita de cuidadora dos filhos e do lar e para satisfazer os desejos do seu marido.

A Literatura tem sido, de uma forma ou de outra, o espelho em que a sociedade se vê refletida, podendo tomar consciência de sua própria imagem. Agrega também o conhecimento histórico ligados às experiências de vida. Dentre todos os inumeráveis temas focalizados pela literatura está a evolução da mulher, representada por personagens femininas, e que, tem sido predominantemente, salvo nas últimas décadas, vista a partir da ótica masculina. Percebe-se, no decorrer das diferentes épocas históricas e literárias que a mulher segue a linha do tempo, mas não de maneira uniforme. Ela vai evoluindo social, intelectual e moralmente em relação ao homem. De submissa e deusa, a mulher passa a ser vista como um ser capaz de sofrer, mas também de liderar seja a sua casa ou uma empresa, capaz, enfim, de fazer uma Literatura de qualidade.

Este artigo é parte da dissertação de mestrado defendida no Programa de Pós-Graduação em Cognição e Linguagem da UENF em 2016, a ideia é argumentar sobre o espaço que as mulheres ocupam dentro da Literatura e seu poder de influenciar e criar uma nova realidade social. Para reforçar nosso debate trouxemos algumas poesias da escritora mineira Adélia Prado.

1. MULHERES NA LITERATURA

Quando falamos sobre Literatura, alguns nomes de escritores masculinos surgem instantaneamente em nossas mentes. Porém, esquecemos que muitas mulheres têm tido um papel fundamental na arte da escrita.

Por questões históricas, as mulheres permaneceram à sombra dos homens em muitos aspectos, inclusive artísticos e culturais. Mesmo assim, elas estiveram presentes, agregando valor ao mundo da literatura desde muito tempo.

No decorrer do percurso de nossa cultura e, principalmente do percurso literário brasileiro, nossas personagens femininas até meados do século XX, estavam associadas

a imagens angelicais. Eram figuras dóceis e serenas, pouco parecidas com mulheres de carne e osso. Estamos, é claro, falando de uma parcela de personagens femininas que se instauraram na tradição cultural como modelos aceitáveis e desejáveis: as mocinhas, as protagonistas, as heroínas dos romances ou as musas inspiradoras de poemas.

No lado oposto, tudo que seria o avesso de uma mulher desejável tinham: as vilãs, geralmente mulheres fatais, prostitutas ou bandidas. A literatura era construída com figuras femininas feitas para o matrimônio ou para a perdição. Já as heroínas eram dedicadas em seu ofício de serem fortes, belas e puras. Mas, após um longo período, elas deixam de ser exclusivamente objeto, para serem sujeitos. Portanto, as mulheres conscientizadas tentam resgatar suas verdadeiras imagens, alcançando um novo papel social, apagando a imagem de desmoralização que sofreram e ainda sofrem.

Mulheres nunca se limitaram a ser apenas a “dona de casa”. O fato é que a presença feminina sempre foi vista como menos importante no espaço da cultura. Contudo, mesmo a mulher sempre estando relegada ao papel de musa, estando totalmente impossibilitada de reconhecer-se como uma autora e de se afirmar como detentora de certos pensamentos que não condiziam com a realidade da grande maioria das mulheres, algumas escritoras desafiaram tais padrões. Apesar de desenvolvidas dentro dessa cultura masculina dominante, essas obras forçam um desequilíbrio nas relações representativas da cultura masculina.

Woolf (1882 – 1941) em seu livro *Profissões para mulheres e outros artigos feministas*, questiona a visão tradicional da mulher e expõe as dificuldades da inserção feminina no mercado de trabalho de sua época. Virginia Woolf estava à frente do seu tempo e representa umas das precursoras do feminismo contemporâneo numa época em que o papel da mulher modificou-se rapidamente.

Ainda está por se rastrear com clareza o efeito dessas repressões na obra das mulheres, e é um efeito totalmente negativo. O problema da arte já é bastante difícil em si, mesmo sem ter de respeitar a ignorância do espírito das jovens ou pensar se o público vai julgar se os padrões de pureza moral apresentados na obra correspondem aos que ele tem direito de esperar de nosso sexo. A tentativa de acalmar ou, mais, naturalmente, de ofender opinião pública é um desperdício de energia e um pecado contra a arte (WOOLF, 2013, p. 27-28).

Mesmo numa Literatura feita por grandes nomes masculinos, ainda, podemos citar personalidades da Literatura feminina como George Sand pseudônimo de Amandine Aurore Lucile Dupin, baronesa de Dudevant, aclamada romancista e memorialista

francesa, considerada uma das precursoras do feminismo. Podemos destacar também Florbela Espanca em Portugal, Jane Austen e Virginia Woolf escritoras inglesas e as brasileiras Clarice Lispector, Cecília Meireles, Adélia Prado e outros nomes expressivos da Literatura Brasileira.

3. ADÉLIA PRADO: MULHER E ESCRITORA

Com uma forma particular de observar a vida e transpô-la aos livros fez da escritora Adélia Prado uma das grandes representantes da nossa poesia contemporânea e a coloca em um lugar de destaque da representação da experiência feminina no meio literário.

Adélia Prado teve sua primeira obra publicada de certa forma tardia, talvez devido a esse fato, percebemos o amadurecimento de uma identidade feminina que se define como esposa, mãe e mulher. A consciência de que a mulher é ainda uma “espécie envergonhada”, é destaque já no seu primeiro livro. Fica evidente em todas as suas obras a importância em revelar a sua condição de mulher. Adélia Prado abre com essa poesia seu primeiro livro, já expressando o peso de fazer poesia diante da existência de tantos poetas brasileiros.

Com licença poética

Quando nasci um anjo esbelto,
desses que tocam trombeta, anunciou:
vai carregar bandeira.
Cargo muito pesado pra mulher,
esta espécie ainda envergonhada.
Aceito os subterfúgios que me cabem,
sem precisar mentir.
Não sou tão feia que não possa casar,
acho o Rio de Janeiro uma beleza e
ora sim, ora não, creio em parto sem dor.
Mas o que sinto escrevo. Cumpro a sina.
Inauguro linhagens, fundo reinos
-- dor não é amargura.
Minha tristeza não tem pedigree,
já a minha vontade de alegria,
sua raiz vai ao meu mil avô.
Vai ser coxo na vida é maldição pra homem.
Mulher é desdobrável. Eu sou (PRADO, 2013 [1976], p. 19).

A poética de Adélia Prado apresenta momentos plurais das mulheres. A mulher, a sociedade e a realidade bíblica são constantes em seus poemas, pois considera ser ela o

elo com o mundo, seja ele religioso ou sociocultural. Ambos denotam sofrimento, crescimento e rupturas.

Enredo para um tema

Ele me amava, mas não tinha dote,
só os cabelos pretíssimos e uma beleza
de príncipe de estórias encantadas.
Não tem importância, falou a meu pai,
se é só por isto, espere.
Foi-se com uma bandeira
e juntou ouro pra me comprar três vezes.
Na volta me achou casada com D. Cristóvão.
Estimo que sejam felizes, disse.
O melhor do amor é a sua memória, disse meu pai.
Demoraste tanto, que...disse D. Cristóvão.
Só eu não disse nada,
Nem antes, nem depois (PRADO, 2013[1976], p. 91)

Neste poema, Adélia mostra uma realidade muito recorrente nas tradicionais famílias, o casamento arranjado foi fato cultural e retrata como a figura feminina era submissa. No poema a filha aceita a decisão do pai na escolha do marido, e continua submissa depois que casa. A idealização amorosa e a ironia autoritária do pai focalizam-se em dois momentos: dote e casamento. Este deve ser com alguém que possa lhe pagar por ela: D. Cristóvão. Com esses elementos verificamos o silêncio feminino dentro de uma estrutura social patriarcal. Essa submissão se junta a sua fragilidade, passividade e dependência e acaba por nos demonstrar o silêncio feminino diante um casamento em que a prioridade não é o amor, mas a obediência.

Essa opressão é denunciada no poema. Sem sentimentalismo ela denuncia a ideologia dominante do presente e exige do leitor uma posição crítica, mostrando a mulher como um produto de mercado, um objeto para compra, sem direito de manifestação de sua vontade, sem direito de amar, que durante muito tempo teve seus sentimentos subjugados e tratados como objeto.

A figura da mulher fica inferiorizada dentro de uma concepção social machista que coloca a mulher como objeto sem direito aos próprios desejos e sentimentos. A mulher muitas vezes se sente inferior, sem capacidade de opinar e agir, cumprindo o seu destino, sem se empenhar na busca de um espaço maior. Presas, muitas vezes em seus compromissos: filhos, casa, trabalho, marido, esposa e amante.

No poema “Dolores”, o eu lírico dá voz a uma mulher que já na idade adulta se dá conta da passagem do tempo e que vai discutir sobre feminismo. “Dolores” remete ao

substantivo no plural “dores”. Outra observação relevante é o fato de que essa é a representação da maioria das mulheres, das desconhecidas mulheres, que nunca terão seu nome impresso e jamais desfrutarão de um orgasmo, pois a educação que receberam não permitiu que sequer conhecessem seu próprio corpo. Apenas resta a essas mulheres, que mesmo sendo os “pilares do mundo”, aceitar o casamento e achar o sexo “agradável”. No entanto, sofrem, enchem os olhos de lágrimas ao perceberem que já não são mais jovens.

Hoje me deu tristeza,
sofri três tipos de medo
acrescidos do fato irreversível:
não sou mais jovem.
Discuti política, feminismo,
a pertinência da reforma penal,
mas ao fim dos assuntos
tirava do bolso meu caquinho de espelho
e enchia os olhos de lágrimas:
não sou mais jovem.
As ciências não me deram socorro,
nem tenho por definitivo consolo
o respeito dos moços.
Fui no Livro Sagrado
buscar perdão pra minha carne soberba
e lá estava escrito:
“Foi pela fé que também Sara, apesar da idade avançada,
se tornou capaz de ter uma descendência...”
Se alguém me fixasse, insisti ainda,
num quadro, numa poesia...
e fossem objeto de beleza os meus músculos frouxos...
Mas não quero. Exijo a sorte comum das mulheres nos
tanques,
das que jamais verão seu nome impresso e no entanto
sustentam os pilares do mundo, porque mesmo viúvas
dignas
não recusam casamento, antes acham o sexo agradável,
condição para a normal alegria de amarrar uma tira no
cabelo
e varrer a casa de manhã.
Uma tal esperança imploro a Deus (PRADO, 2013[1978], p. 121).

A poesia das dores e anseios de uma mulher, sobre a consciência do papel diante das múltiplas tarefas desempenhadas no cotidiano, podendo ser percebida como um ato de repensar a identidade não como repetição do homem como ser, mas uma mulher que tem também seu espaço.

Mulheres

Ainda me restam coisas
mais potentes que hormônios.
Tenho um teclado e cito com elegância
Os Maias, A Civilização Asteca.
Falo alto, às vezes, para testar a potência,
afastar as línguas de trapo me avisando da velhice:
'Como estás bem!'
Aos trinta anos tinha vergonha de parecer juvenzinha,
idade hoje em que as mulheres ainda maravilhosas se processam
ácidas e perfeitas como a legumes no vinagre.
De qualquer modo, se o mundo acabar
a culpa é nossa (PRADO, 2010, p. 45).

No poema acima, o título “Mulheres” no plural sugere que o poema trata da condição feminina ou das mulheres em geral. Um eu lírico feminino se manifesta nos dois primeiros versos, parecendo restringir abrangência do título ao campo das mulheres maduras. O poema traz comparações entre mulheres maduras e com o comportamento das mais jovens: “ainda maravilhosas se processam”. Tal entendimento surge da predominância de palavras como “hormônios”, “elegância”, “velhice” e “culpa”, que fazem parte do vocabulário que reflete as preocupações da mulher que envelhece em uma sociedade que valoriza a juventude e a aparência.

Adélia fala com propriedade dos sentimentos da mulher do nosso tempo, que se descobre no enfrentamento dos seus dilemas existenciais. A poetisa parece fortalecer a tendência de escrita que encontra na interação entre a subconsciência de valores internalizados, manifestada pela linguagem, a consciência de seu valor como ser humano, e a criatividade capaz de reelaborar, traduzir poeticamente e de forma inovadora essa delicada percepção.

Adélia Prado ao completar 80 anos deu uma entrevista ao Jornal O Globo em 28 de novembro de 2015. Dentre as perguntas, havia uma que propôs a poeta qual a posição dela sobre o feminismo, se Adélia era contrária ao movimento feminista que ganhou força nas ruas nos últimos meses. Adélia respondeu da seguinte forma a esta pergunta:

O movimento feminista, que cada vez ganha mais força nas ruas, reunindo milhares de pessoas em marchas, já sendo chamado de “primavera das mulheres” a anima?

Não. Homicídio tornou-se uma palavra fraca. Por que “feminicídio”? Me lembra bandeiras, discursos irados, passeatas. O assassinato de mulheres é horrível não porque é de mulheres, mas porque a mulher é também uma pessoa. Qualquer assassinato é hediondo até prova em contrário. Enquanto nos distraímos com bandeiras e neologismos, o crime segue fagueiro e impune contra homens, mulheres, crianças, velhos, povos, contra a Humanidade. Dizer “feminicídio” não muda a questão. A revolução é de outra ordem. É moral, educacional, religiosa, civil, espiritual. Supõe

um país que se dê ao respeito em suas instituições, um povo educado, igrejas não mercenárias. Onde está o líder civil ou um santo que nos leve a verdes pastagens e água pura?

Disponível em: <http://oglobo.globo.com/cultura/livros/lirica-biblica-existencial-aos-80-adelia-prado-reflete-sobre-mundo-8164825#ixzz426Zyxcj5>

A situação feminina ainda é complexa, então as mulheres muitas vezes rejeitam a própria condição. Sabem o que não querem: o modelo antigo. E nessa busca desenfreada pela liberdade lutam por espaço e direitos iguais, mas acima de tudo lutam por respeito. As mulheres querem provar que podem fazer melhor e mais, podem fazer tudo que os homens fazem. E como Adélia Prado, as mulheres não tenham medo de viver e sentir tudo que a vida permite ou oferece, e “morra a puta que pariu minha tristeza.”

Contra o muro

Pulou no rio a menina
cujas mãe não disse: minha filha.
Me consola, moço.
Fala uma frase, feita com meu nome,
para que ardam os crisântemos
e eu tenha um feliz natal!
Me ama. Os homens de nucas magras
furam os toucinhos com o dedo,
levantam as mantas de carne
e pedem um quilo de sebo.
Toca minha mão.
Quem fez o amor não vazará meus olhos
porque busco a alegria.
A vida não vale nada,
por isso gastei meus bens,
fiz um grande banquete e este vestido.
Olha-me para que ardam os crisântemos
e morra a puta
que pariu minha tristeza (PRADO, 2013 [1978], p. 120).

Adélia Prado não é feminista e nem defende o feminismo, porque sua poética não mostra defesa da mulher. Sua poética mostra a condição imposta de uma tradição moral e machista, ainda revela a intimidade, os desejos e sobrevivência em ambientes criados por normas masculinas ou de uma tradição também religiosa. Entretanto, Adélia Prado ao revelar seu mundo deixa a porta aberta para a reflexão.

4. O ESPAÇO DA MULHER

O sociólogo Pierre Bourdieu (1930 – 2002), em *A dominação masculina*, afirma que a tal dominação não é biológica, mas uma construção arbitrária do biológico que fundamenta as divisões sexuais aparentemente espontâneas. A escola, família, igreja e estado ratificam a ordem social preponderante.

A ordem social funciona como uma imensa máquina simbólica que tende a ratificar a dominação masculina sobre a qual se alicerça: é a divisão sexual do trabalho, distribuição bastante estrita das atividades atribuídas a cada um dos dois sexos, de seu local, seu momento, seus instrumentos; é a estrutura do espaço, opondo o lugar de assembleia ou de mercado, reservados aos homens, e a casa, reservada às mulheres; ou, no próprio lar, entre a parte masculina, com o salão, e a parte feminina, com o estábulo, a água e os vegetais, é a estrutura do tempo, as atividades do dia, o ano agrário, ou o ciclo da vida, com momentos de ruptura, masculino, e longos períodos de gestação, femininos (BOURDIEU, 2014, p. 22-24).

A mulher responsável pelos afazeres domésticos e o homem, que não possui uma base natural para a orientação familiar, se preocupa com as relações financeiras de sustento do lar. Dessa forma, a cultura do homem é ser dono da religião, do ritual, da política, de pensamentos sociais, culturais e artísticos. A cultura feminina do passado, então, inferior, leva a mulher apenas à relação doméstica.

Priore (2013) afirma que foram necessários mais de 200 anos para que as mulheres conquistassem direitos que permitem a livre expressão e o exercício da cidadania, como: votar, usar anticoncepcionais, divorciar-se e ocupar cargos de alto escalão em empresas.

O século XXI será das mulheres! Quem avisa são os filósofos. De fato, elas estão em toda a parte, cada vez mais visíveis e atuantes. Saíram de casa, ganharam a rua e a vida. Hoje trabalham, sustentam a família, vêm e vão, cuidam da alma e do corpo, ganham e gastam, amam e odeiam. Quebraram tabus e tradições. Não é pouco para quem há cinquenta anos só tinha um objetivo na vida: casar e ter filhos. Ser feliz? Ao arrumar uma aliança no dedo, a felicidade vinha junto (PRIORE, 2013, p.5).

Mesmo com uma nova redefinição da estrutura social feminina, são reservadas às mulheres o papel e a tarefa de comandar e organizar o espaço doméstico, para manutenção da família e da sociedade. Portanto, a mulher ainda é considerada a guardiã deste espaço e também a base moral da sociedade, que educa e transmite valores para os filhos.

Infelizmente, ainda hoje, as mulheres continuam sujeitas a restrições e limitações, pois a tradição contribui para demonstrar seu status inferior, e assim a variação de escolhas de atividades tornam-se mais limitadas. Muitas vezes têm que passar por testes maiores para provar o grau de sua qualificação.

A identidade feminina é construída a partir de um contexto sócio-histórico e isso contribui para manter a mulher ainda subordinada ao homem. Portanto, trata-se de uma questão ideológica, essa identidade foi a sociedade patriarcal quem inventou e isso se transmite por meio de um discurso.

Para Bourdieu (2014, p. 54), a dominação masculina está presente em todas as condições, portanto, objetivamente concordes, eles funcionam como matrizes das percepções, dos pensamentos e das ações de todos os membros da sociedade, como transcendentais históricos que, sendo universalmente partilhados, impõem-se a cada agente como transcendententes.

Percebemos que a desvalorização do feminino tem suas raízes em preconceitos que se tornaram destrutíveis ao desenvolvimento da consciência feminina; e o fato de considerada como não possuidora de alma, a deixa frágil para pecar e, conseqüentemente leva o homem juntamente consigo. Como se ele dependesse única e exclusivamente da mulher, sem sistema de opressão. Aliás, este já é um sistema opressivo; colocar o “pecado” como exclusivo das mulheres e para associar ao fato de moldar seu comportamento.

As mulheres eram mantidas em posições subordinadas, e a feminilidade deveria limitar-se à obediência ao lar e à maternidade. As próprias mulheres eram ensinadas a desconfiar de si mesmas, de suas emoções, de seus próprios corpos.



Imagem 3: Símbolo do feminismo - WeCan Do It! (Nós podemos fazê-lo). A operária Geraldine Hoff serviu como modelo para J. Howard Miller, que utilizou a imagem como propaganda durante a Segunda Guerra Mundial. O cartaz converteu-se em um símbolo para as mulheres que assumiram postos de trabalho em substituição aos homens que serviam às forças armadas americanas. Disponível em: <http://delicatamentevisaodemulher.blogspot.com.br/2014/04/os-fatos-historicos-que-marcaram-as.htm>. Acesso em: 3 março de 2016.

O novo desafio das mulheres é a conscientização que pode quebrar o estereótipo antigo. Passa a ser um canal de percepções para assumir sua nova realidade na sociedade.

Dessa forma, as atitudes femininas são uma reação ao autoritarismo machista cultural de nossa sociedade. Quando as mulheres induzem a uma ação ou alguém a uma decisão, mostram sua influência dentro desse contexto, assumem o seu poder. Mas elas só podem influenciar homens e mulheres dentro de seu centro de poder e quando estes as deixam, quando assumem uma nova postura social e cultural que não seja o patriarcalismo.



Imagem 4:Manifestantes Feministas , 4 de agosto de 2012, extraída do blog BBrasil 316. Disponível em: <http://brasil316.blogspot.com.br/2012/08/imagens-do-dia-4-de-agosto-de-2012.html>. Acesso em: 3março de 2016.

A foto acima mostra manifestantes participando de um ato contra o machismo e a opressão feminina em São Paulo. O grupo fez uma fogueira e queimaram sutiãs com a intenção de representar a luta das mulheres pelos direitos e respeito. O direito de usar qualquer roupa e não serem agredidas ou ofendidas.

Bourdieu (2014, p. 161) afirma sobre a atual luta das mulheres na sociedade, dessa forma:

O movimento feminista não deve mais deixar-se encerrar apenas em formas de luta política rotuladas de feministas, como a reivindicação de paridade entre homens e mulheres nas instâncias políticas: se elas têm mérito de lembrar que o universalismo de princípio que postula o direito constitucional não é tão universal quanto parece – sobretudo por só reconhecer indivíduos abstratos e desprovidos d qualificações sociais -, estas lutas correm o risco de redobrar os efeitos de outra forma de universalismo fictício, favorecendo prioritariamente mulheres saídas das mesmas áreas do espaço social dos homens que ocupam atualmente posições dominantes.

A situação feminina ainda é complexa, então as mulheres muitas vezes rejeitam a própria condição. Sabem o que não querem: o modelo antigo. E nessa busca desenfreada pela liberdade lutam por espaço e direitos iguais, mas acima de tudo lutam por respeito. As mulheres querem provar que podem fazer melhor e mais, podem fazer tudo que os homens fazem.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Percebemos como a mulher é deslocada em um espaço submisso, onde o que prevalece é a visão masculina, mais tarde, voltando-se para uma visão libertária, sendo este o foco de grandes escritoras que ousaram expor o pensamento feminino, com personagens que colocam mulheres marcantes e guerreiras que não querem seguir os padrões estabelecidos pela sociedade, mas sim, serem livres para redigir suas histórias com seus desejos.

Destaque para a poetisa Adélia Prado que faz versos com elementos do universo feminino de uma mulher de sua época, mas marcada pelas mudanças de concepção de uma sociedade em que a mulher luta por mais direitos e liberdade. Dessa forma, a poetisa retrata o cotidiano sob o olhar feminino, mas não feminista e libertário, sempre o feminino em primeiro plano, deixando de forma clara que a mulher deve fazer somente aquilo que deseja, sem imposição.

Diante disso, a luta das mulheres pelo reconhecimento e pela liberdade vem ganhando força, nos últimos anos, com a ascensão da mulher no mercado de trabalho e respeito. Entretanto, mesmo com as conquistas desses direitos, muitas mulheres não conseguem usufruir disso, visto que sofrem de violência física e psicológica. Por isso, a luta do movimento feminista está longe do fim, não é apenas a conquista dos direitos, é poder utilizá-lo sem discriminação, nem superioridade de um determinado grupo machista, o que deve existir é a igualdade de gênero.

REFERÊNCIAS

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. Rio de Janeiro: Editora BestBolso, 2014.

O Globo 20 anos digital. **Entrevista de Adélia Prado**. Disponível em: <http://oglobo.globo.com/cultura/livros/lirica-biblica-existencial-aos-80-adelia-prado-reflete-sobre-mundo-8164825#ixzz426Zyxcj5>. Acesso em: 24 de Janeiro de 2016.

PRIORE, Mary Del. (Org.) **Histórias e Conversas de Mulher**. São Paulo: Editora Planeta, 2013.

PRIORE, Mary Del. **Histórias íntimas: sexualidade e erotismo na história do Brasil**. São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2011.

PRADO, Adélia. **Miserere**. Rio de Janeiro: Editora Record, 2014.

PRADO, Adélia. **Reunião de Poesia**. Rio de Janeiro: Editora BestBolso, 2013.

PRADO, Adélia. **A Duração do Dia**. Rio de Janeiro: Editora Record, 2010.

PRADO, Adélia. **Bagagem**. Rio de Janeiro: Editora Record, 2006.

PRADO, Adélia. **Poesia Reunida**. São Paulo: Siciliano, 1991.

PRADO, Adélia. **A Faca no peito**. Rio de Janeiro: Rocco, 1988.

PRADO, Adélia. **O pelicano**. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1987.

WOOLF, Virginia. **Profissões para mulheres e outros artigos feministas**. Porto Alegre: Editora L&PM, 2013.